



CARAMBAIA

# KALLO caína

romance do século XXI

karin boye

tradução fernanda sarmatz ákesson  
posfácio oscar nestarez

- 5 **este livro, que começo agora a escrever**, pode parecer sem sentido para muitos – se me atrevo a dizer que “muitos” poderão lê-lo –, pois o iniciei espontaneamente e sem receber ordens de ninguém, tampouco saber qual era o meu objetivo com este tipo de trabalho. Quero e preciso fazê-lo, só isso. Cada vez mais, implacavelmente, pergunta-se sobre a intenção e o método daquilo que fazemos e dizemos, portanto nenhuma palavra deve ser escolhida ao acaso. O autor deste livro foi obrigado a fazer o caminho oposto, pendendo para o incompreensível. Apesar de meus anos como prisioneiro e químico – mais de vinte, creio eu – terem sido repletos de trabalho e esforço, algo me diz não ter sido o suficiente, buscando e percebendo um outro ofício dentro de mim que eu mesmo não tivera a possibilidade de enxergar, ainda que eu tenha

estado profunda e quase dolorosamente interessado nele. Esse trabalho será concluído assim que eu tiver escrito o meu livro. Tenho plena consciência de que o que escrevo parece absurdo e vai de encontro a tudo que é racional e prático, mas mesmo assim pretendo escrevê-lo.

Talvez eu não tenha tido coragem de fazê-lo antes. Talvez o aprisionamento tenha me deixado frívolo. As minhas condições de vida agora pouco se diferenciam de quando vivia em liberdade. A comida não se mostrou muito pior aqui, acabei me acostumando. O leito parece mais duro do que a cama que tenho em casa, na Cidade Química nº 4, mas acabei me acostumando. Eu passei a tomar menos ar fresco e também acabei me acostumando. O pior de tudo foi ter de separar-me da minha esposa e dos meus filhos, sobretudo porque não sabia e ainda não sei qual foi o destino deles, o que tornou meus primeiros anos de aprisionamento repletos de preocupação e angústia. À medida que o tempo foi passando, fui me acalmando e até comecei a apreciar cada vez mais meu cotidiano. Aqui não havia motivo para sentir-me angustiado. Eu não tinha nem subordinados nem chefes. Os guardas da prisão raramente interrompiam meu trabalho e só se preocupavam em verificar se eu seguia as regras do local. Eu não tinha protetores ou adversários. Os cientistas, que de vez em quando me eram apresentados para que eu acompanhasse as novidades na área da química, tratavam-me muito bem e com respeito, apesar de certa condescendência em razão da minha nacionalidade estrangeira. Eu sabia que ninguém tinha motivos para

6

me invejar. Resumindo, de alguma forma eu me sentia mais livre aqui do que quando estava em liberdade. Contudo, ao mesmo tempo que vivia tranquilo, crescia em mim essa estranha obrigação de lidar com o passado, e eu não poderia sossegar até que houvesse escrito as memórias de uma época da minha vida rica em acontecimentos. A possibilidade de escrever foi-me dada devido ao meu trabalho científico, e o controle é exercido apenas no momento em que eu entrego uma tarefa pronta. Sendo assim, posso dar-me ao luxo de ter um único prazer, e talvez seja esta a minha última oportunidade.

Na época em que a minha história tem início, eu me aproximava dos 40 anos. Se realmente preciso me apresentar, talvez possa falar da imagem que fazia da vida. Há poucas coisas que dizem mais sobre um ser humano que sua concepção de vida, se a vê como um caminho, um campo de batalha, uma árvore em crescimento ou um mar revoltado. Eu via a vida através do olhar inocente de um garoto de escola, como uma escada em que subimos, o mais rapidamente possível, degrau por degrau, com a respiração ofegante e os oponentes nos calcanhares. Na realidade, eu não tinha muitos oponentes. A maioria dos meus colegas no laboratório havia dedicado todas as suas ambições ao serviço militar e viam o trabalho diário como algo aborrecido mas necessário, que vinha interromper o seu serviço militar noturno. Eu, pessoalmente, não gostaria de confessar a ninguém que estava mais interessado na minha química do que no serviço militar, embora não fosse um mau soldado. De qualquer maneira, eu havia subido a

7

minha escada. Eu nunca havia pensado em quantos degraus já deixara para trás, tampouco no que poderia haver de glorioso no topo da escadaria. Talvez eu tivesse uma imagem vaga dessa casa da vida como uma das nossas casas comuns da cidade, onde se subia das profundezas da terra até chegar ao terraço, ao ar livre, ao vento e à luz do dia. O que o vento e a luz do dia significariam na minha jornada pela vida não sei dizer, mas tenho certeza de que cada degrau alcançado era acompanhado de curtas notas oficiais vindas de um escalão superior sobre um curso concluído, uma aprovação em um teste, uma transferência para um campo de trabalho mais relevante. Eu também tinha certa quantidade de pontos de partida e de chegada na minha vida, porém não suficientes para fazer um novo ponto perder a sua importância. Foi por essa razão que voltei com o sangue fervendo depois do breve telefonema que me comunicou que eu deveria aguardar o meu chefe no dia seguinte e dar início às experiências com material humano. O dia seguinte seria a prova de fogo da minha maior invenção até aquele momento.

Eu estava tão animado que foi difícil começar algo novo naqueles últimos dez minutos que restavam do expediente. Em vez de trabalhar, relaxei bastante com o serviço, creio que pela primeira vez na minha vida, e passei a guardar antecipadamente os aparelhos, vagarosamente e com muito cuidado, enquanto espiava através das paredes de vidro para ver se alguém me vigiava. Assim que a campainha anunciou o fim da jornada de trabalho, apressei-me para sair do laboratório

8

9

como um dos primeiros no fluxo. Tomei uma ducha rápida, troquei as roupas de trabalho pelo uniforme de lazer, entrei correndo no elevador paternoster e cheguei à rua em poucos minutos. Como havia recebido a residência no meu distrito de trabalho, eu tinha licença para ir à superfície e sempre aproveitava para alongar os meus músculos ao ar livre.

Assim que passei pela estação de metrô, dei-me conta de que poderia esperar por Linda. Como eu havia chegado muito cedo, provavelmente ela ainda não tivera tempo de ir para casa, que ficava a uns vinte minutos de metrô da fábrica de alimentos onde trabalhava. Um trem havia acabado de chegar e um mar de gente irrompeu da terra e se comprimiu entre as catracas de saída, onde as licenças de superfície eram controladas, para, em seguida, espalhar-se pelas ruas da vizinhança. Sobre as plataformas agora vazias, sobre todas as lonas enroladas nas cores cinza-montanha e verde-prado, que em dez minutos podiam tornar a cidade invisível do alto, eu observava a multidão formigante de companheiros soldados voltando para casa em seus uniformes de passeio e percebi repentinamente que talvez todos eles carregassem consigo o mesmo sonho que eu: o sonho da subida.

Fiquei refletindo. Eu sabia que antigamente, durante a época civil, as pessoas precisavam ser atraídas ao trabalho e ao esforço com a esperança de obterem moradias mais espaçosas, comidas mais apetitosas e roupas mais bonitas. Atualmente nada disso seria necessário. O apartamento-padrão – composto de um cômodo para os solteiros, dois cômodos

para uma família – era suficiente para todos, desde aqueles que nada mereciam até os mais esforçados. A comida fornecida pela cozinha central satisfazia tanto o general quanto o recruta. Os uniformes gerais – um para o trabalho, outro para o tempo livre e outro para os militares ou policiais em serviço – eram idênticos tanto para homens como para mulheres, para superiores e subalternos, variando apenas quanto às insígnias de grau. Nem mesmo estas eram mais garbosas para um do que para outro. O mais desejável em um chefe do alto escalão estava apenas naquilo que ele simbolizava. Pensei, feliz, que cada companheiro soldado é tão sublime no Estado Mundial que aquilo que ele compreende como o mais alto valor da vida dificilmente tem forma mais concreta do que três divisas negras sobre o braço – três divisas negras que para ele são uma garantia tanto para a sua autoestima como para o bem-estar das outras pessoas. Dos prazeres materiais, pode-se aproveitar o suficiente ou até mais que o suficiente e, por isso mesmo, suspeito que os apartamentos de doze cômodos dos antigos capitalistas civis não eram nada mais que um símbolo carregado de sutilezas, como aquele que se persegue sob a forma de insígnias e que não mata a fome de alguém. Ninguém pode ter bem-estar ou autoestima suficientes para que não queira alcançar mais. É no espiritual, no etéreo e no inatingível que repousa segura a nossa ordem social para todo o sempre.

Eram esses os meus pensamentos quando, parado na saída do metrô, eu vi, como em um sonho, o guarda indo e voltando ao longo do muro coroadado de arame farpado que delimitava o

10

distrito. Quatro trens tinham chegado, quatro vezes a multidão havia subido à superfície, quando finalmente Linda passou pela catraca de controle. Fui apressadamente até ela e continuamos a andar, lado a lado.

Falar não podíamos, naturalmente, devido aos exercícios da frota aérea que não permitiam que se conversasse ao ar livre nem de dia e tampouco à noite. De qualquer forma, ela percebeu o meu semblante alegre e lançou-me um olhar animador, porém sério, como de costume. Até entrarmos no nosso prédio e tomarmos o elevador que descia até o nosso andar, permanecemos calados. O ruído do metrô, que sacudia as paredes, não era tão intenso que impedisse a nossa conversa, mas mesmo assim éramos cautelosos até que entrássemos em casa. Se alguém nos surpreendesse conversando no elevador, nenhuma suspeita seria mais natural senão que estávamos tratando de assuntos que não queríamos que as crianças ou a empregada escutassem. Casos assim já tinham acontecido, pois inimigos do Estado e outros infratores utilizaram o elevador como uma espécie de local de conspiração; era de fácil acesso, já que os ouvidos e os olhos da polícia, por razões técnicas, não podiam ser instalados em um elevador, e o porteiro costumava ter outras tarefas a fazer, sem dispor de tempo para ficar escutando conversas. Ficamos em silêncio até entrarmos na sala da família, onde a empregada da semana já havia servido a mesa do jantar e nos aguardava com as crianças, que ela havia buscado na área infantil do prédio. Parecia ser uma moça séria e cuidadosa, e a cumprimentamos ami-

11

gavelmente, como sabíamos que deveria ser feito, porque ela, como todas as outras empregadas, era obrigada a fazer um relatório sobre a nossa família no final da semana. Essa reforma, dizia-se, havia melhorado as relações familiares em muitos lares. Havia um clima de alegria e satisfação ao redor da mesa, especialmente pela presença de Ossu, nosso filho mais velho. Ele tinha saído do campo de crianças para nos visitar, pois era a noite da família.

– Tenho uma boa notícia – eu disse para Linda enquanto tomávamos a sopa de batatas. – O meu experimento está tão avançado que consegui a autorização para iniciar com o material humano amanhã, sob a supervisão de um chefe de controle.

– E quem você acha que vai ser? – perguntou Linda.

Eu não demonstrei sentimento algum, tenho certeza, mas no meu interior estremei ao ouvir essas palavras. É possível que fossem palavras completamente inocentes. O que poderia ser mais natural do que a esposa perguntar quem seria o chefe de controle? Dependia totalmente da boa vontade do chefe de controle o tempo que seria destinado às provas. Já havia até mesmo acontecido de ambiciosos chefes de controle declararem as descobertas dos controlados como suas, e não havia muito o que fazer contra coisas assim. Portanto, não era nada estranho a pessoa mais próxima querer saber quem seria o chefe.

Mas eu havia percebido uma insinuação na voz dela. Provavelmente, o meu chefe imediato seria o chefe de controle. O seu nome era Edo Rissen e previamente ele fora funcionário

12

da fábrica de alimentos onde Linda trabalhava. Eu sabia que eles haviam tido bastante contato entre si e percebera, por sinais sutis, que ele causara certa impressão na minha esposa.

A pergunta dela despertara o meu ciúme. O quão íntima havia sido a relação entre ela e Rissen? Em uma fábrica de grande porte, acontecia com frequência de duas pessoas se encontrarem longe da vista dos outros, como nos depósitos, por exemplo, onde fardos e caixas encobriam a visão através das paredes de vidro e onde talvez ninguém mais estivesse trabalhando naquele horário... Linda também havia trabalhado como guarda-noturno na fábrica. Rissen pode muito bem ter feito seus turnos ao mesmo tempo que ela. Tudo era possível, inclusive o pior: que ela ainda o amasse, e não a mim.

Naquela época, eu raramente refletia sobre mim mesmo, sobre o que eu pensava e sentia ou sobre o que os outros pensavam e sentiam, a menos que houvesse algum significado prático para mim. Somente mais tarde, durante o meu tempo sozinho na prisão, chegara o momento de desvendar os enigmas, obrigando-me a pensar e repensar. Agora, passado tanto tempo, sei que fora ansioso em querer ter certeza sobre Linda e Rissen. Na realidade, não queria ter certeza de que havia algo entre eles. Queria somente que ela fosse atraída para o outro lado. Queria ter uma convicção que desse um fim ao meu casamento.

Mas naquela época eu rejeitaria um pensamento dessa espécie com desdém. Linda tinha um papel importante demais na minha vida, eu teria pensado. Essa era a pura verdade, nenhum rancor e nenhuma crítica puderam mudar isso. Ela

13

era tão importante que poderia competir com a minha carreira. Contra a minha vontade, ela me prendia de modo irracional.

É possível falar de “amor” como se esse fosse um conceito antiquado e romântico, mas temo dizer que ele existe e, desde o início, abrange um elemento indescritivelmente torturante. Um homem é atraído por uma mulher, uma mulher é atraída por um homem, e, a cada passo que os aproxima, uma parte deles vai sendo deixada pelo caminho, uma série de derrotas onde se aguardava uma vitória. Já no meu primeiro casamento – sem filhos e, portanto, sem nada para continuar – eu tive um aperitivo. Linda elevou o sentimento ao nível de um pesadelo. Durante os nossos primeiros anos de casados, eu realmente tinha um pesadelo, apesar de não o relacionar com ela. Sonhava que estava no meio de uma grande escuridão, iluminado por holofotes, sentindo Os Olhos me observarem, então eu rastejava como um verme para escapar, enquanto me envergonhava como um cão devido aos trapos que vestia. Muito mais tarde, compreendi que era uma metáfora da minha relação com Linda, na qual eu me sentia assustadoramente vulnerável, fazendo de tudo para escapar e me proteger, enquanto ela continuava a ser um enigma, maravilhosa, forte, quase sobre-humana, mas eternamente inquietante, porque o seu mistério lhe dava um poder abjeto. Quando a sua boca se contraía em um risco vermelho e estreito – e não, aquilo não era um sorriso, nem de deboche nem de alegria, era mais como uma contração, como aquela que se vê quando se contrai um arco –, enquanto ela mantinha os olhos completamente abertos e imóveis, uma mistura de mal-estar e

14

angústia surgia em mim, e cada vez mais ela me envolvia, prendendo-me sem piedade, e eu sabia que nunca se abriria para mim. Suponho que eu deva usar a palavra amor, pois no meio da desesperança continuamos juntos, esperando talvez por um milagre, até que o sofrimento ganhou o próprio valor e tornou-se testemunha de que havia pelo menos uma coisa em comum entre nós: a espera por algo que não existe.

Ao nosso redor, observávamos muitos pais se divorciarem assim que os filhos ficavam prontos para ser mandados ao campo de crianças. Separavam-se e casavam-se novamente para constituírem uma nova família. Ossu, nosso filho mais velho, já tinha 8 anos de idade e passara o seu primeiro ano no campo de crianças. Laila, a mais nova, tinha 4 anos e ainda ficaria mais três morando conosco. E depois? Será que também iríamos nos divorciar, para nos casarmos novamente, para com a mesma ideia ingênua acharmos que seria menos desesperançoso com um novo parceiro? O meu bom senso dizia-me que se tratava de uma ilusão enganosa. Uma pequena possibilidade irracional cochichava em meus ouvidos: não, não, você fracassou com Linda porque ela quer ficar com Rissen! Ela pertence a Rissen, e não a você! Entenda de uma vez por todas que ela só pensa em Rissen! Assim tudo ficará esclarecido e você terá a esperança de encontrar um verdadeiro amor!

15

A óbvia pergunta de Linda havia despertado em mim aqueles pensamentos sombrios.

– Provavelmente Rissen – respondi, ouvindo ansiosamente o silêncio que se seguiu.



– É indelicado perguntar de que experimento se trata? – perguntou a empregada.

Ela tinha o direito de questionar, pois de alguma maneira estava ali para observar o que acontecia na família. Eu não percebi o que poderia ser deturpado e usado contra mim e muito menos como poderia afetar o Estado se rumores sobre o meu experimento se espalhassem antecipadamente.

– Trata-se de algo que, espero, beneficiará o Estado – respondi. – Um medicamento que fará qualquer pessoa revelar os seus segredos, tudo aquilo que foi obrigada a esconder, por vergonha ou medo. A senhora é daqui da cidade, companheira empregada?

Acontecia de vez em quando de recrutarem pessoas de outros lugares devido à falta de cidadãos, que, por isso mesmo, não tinham a formação da Cidade Química, exceto pelo pouco que conseguiam aprender já na idade adulta.

– Não – ela respondeu, corando. – Sou de fora.

Maiores explicações sobre a origem da pessoa eram absolutamente proibidas, pois podiam ser utilizadas no serviço de espionagem. Por isso, naturalmente ela ficara corada.

– Então não entrarei em detalhes sobre as composições químicas ou sobre a concepção do experimento – respondi. – Deve-se evitar falar sobre o assunto para não cair em mãos erradas. Mas a senhora talvez tenha ouvido falar sobre como antigamente o álcool era usado como intoxicante e sobre os seus efeitos, não?

16

– Sim – ela respondeu. – Sei que tornava os lares infelizes, prejudicava a saúde e, nos piores casos, causava tremores no corpo e alucinações em ratos brancos, galinhas e coisas assim.

Reconheci as palavras elementares dos livros didáticos e sorri discretamente. Ela, era óbvio, ainda não tivera tempo de se inteirar completamente da educação dada pela Cidade Química.

– Exatamente – eu disse. – Assim era nos piores casos, porém, antes de se chegar nesse estado avançado, acontecia com frequência de os alcoolizados falarem demais, revelando segredos e agindo sem cautela, porque a sua capacidade de sentir vergonha e medo tinha sido afetada. É esse o efeito que o meu medicamento tem, penso eu, pois ainda não terminei de fazer os testes. A diferença é que o medicamento não deve ser engolido, mas injetado diretamente na corrente sanguínea, e, além disso, tem uma composição completamente diferente. Os efeitos colaterais mencionados pela senhora são inexistentes, e não é necessário administrar uma dose muito alta. Uma leve dor de cabeça é tudo o que a cobaia sentirá depois, e não acontece, como no caso da pessoa alcoolizada, de se esquecer de tudo que disse. A senhora deve entender que é uma descoberta muito importante. Doravante, nenhum criminoso poderá negar a verdade. Nem mesmo os nossos pensamentos mais íntimos serão somente nossos, como sempre julgamos de modo equivocado.

17

– Equivocado?

– Sim, equivocado. Dos pensamentos e emoções, nascem as palavras e as ações. Como os pensamentos e emoções poderiam ser de exclusividade do indivíduo? Cada camarada soldado não pertence ao Estado? A quem pertenceriam, então, os seus pensamentos e emoções, se não ao Estado também? Até hoje não foi possível controlá-los, mas agora há o medicamento para isso.

Ela lançou um rápido olhar para mim, desviando-o em seguida. Sua expressão facial não se modificou, mas percebi que ela empalideceu.

– Não há nada que a senhora deva temer, camarada – disse eu para confortá-la. – A ideia não é revelar a paixão ou a antipatia de cada indivíduo. Se minha descoberta cair em mãos erradas, aí sim, posso imaginar o caos que seria! Mas isso não pode acontecer de modo algum. O medicamento deve estar a serviço da nossa segurança, da segurança de todos, da segurança do Estado.

– Não estou com medo, não tenho nada a temer – ela respondeu com frieza, ainda que eu quisesse apenas ser amigável. Passamos a tratar de outros assuntos. As crianças começaram a nos contar o que tinham feito durante o dia na área infantil. Havia brincado na caixa de brinquedos, uma imensa banheira esmaltada, com 4 metros de largura e 1 metro de profundidade, onde se podiam largar bombas de brinquedo e incendiar os telhados de casas construídas com material inflamável, além da possibilidade de divertirem-se com uma batalha naval

18

em miniatura, bastando encher a banheira de água e carregar os canhões dos pequenos navios com a mesma substância explosiva usada nas bombas de brinquedo; havia até torpedos. Dessa forma, as crianças aprendiam desde cedo a arte da estratégia, fazendo esta se tornar parte da sua natureza, quase como um instinto, além de uma diversão. Às vezes eu sentia inveja dos meus filhos por terem a sorte de crescerem com brincadeiras tão sofisticadas, pois na minha infância os explosivos leves ainda não tinham sido inventados, e eu tampouco entendia por que eles aguardavam tão ansiosamente completar 7 anos e ir para o campo de crianças, que mais parecia com um lugar de educação militar, onde se vivia dia e noite.

Frequentemente eu pensava em como a nova geração era muito mais realista do que a minha fora durante a infância. Exatamente naquele dia em que estava envolvido por esses pensamentos, receberia uma nova evidência, comprovando como eu estava certo. Visto que era a noite da família, e nem Linda nem eu tínhamos cargos militares ou na polícia, e Ossu, o meu mais velho, estava em casa nos visitando – sendo assim preservada a nossa vida íntima familiar –, eu havia pensado em como poderia divertir as crianças. Tinha comprado no laboratório um pequeno pedaço de sódio que pretendia deixar boiando na água com a sua luz pálida e cor violeta. Despejamos água em uma tigela, apagamos a luz e nos reunimos ao redor da minha pequena curiosidade química. Eu mesmo ficara fascinado com esse fenômeno quando o meu pai o mostrou para mim, mas no caso dos meus filhos foi um verdadeiro

19

**cip-brasil. catalogação na publicação**  
**sindicato nacional dos editores de livros, rj**

B785k

Boye, Karin [1900-1941]

*Kallocaína: Romance do século XXI* / Karin Boye;

tradução Fernanda Sarmatz Åkesson; posfácio Oscar Nestarez.

1. ed. – São Paulo: Carambaia, 2019.

256 p.; 16 cm.

Tradução de: *Kallocaín: Roman fran 2000-talet*

ISBN 978-85-69002-62-8

1. Romance sueco. 2. Distopias na literatura.

I. Åkesson, Fernanda Sarmatz. II. Nestarez, Oscar. III. Título.

19-58286 CDD 839.75 CDU 82-31(485)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439



**o projeto gráfico deste Livro** partiu da ideia de que as personagens da narrativa estão continuamente sob o controle de um Estado totalitário, que, apesar de invisível, faz sentir sua presença a cada passo. Esse controle é representado aqui pela figura do olho, que permeia toda a narrativa.

A serigrafia com tinta fotoluminescente na capa faz com que o olho continue espiando o leitor (mesmo com a luz apagada), além de remeter ao desejo de Leo Kall de ver o céu estrelado, nesta história praticamente passada nos subterrâneos. Para dar essa sensação de enclausuramento, a mancha do livro é bastante densa, e o texto parece confinado a ambientes fechados.

A tipografia usada no título e na entrada dos capítulos é a Soyuz Grotesk, desenhada por Roman Gornitsky em 2017, e traz ao livro uma referência ao Leste Europeu. Já a Brenner Serif, desenhada pelo croata Nikola Djurek, é uma interpretação contemporânea de algumas fontes de alto contraste produzidas por Bodoni e Didot e, diferente das fontes modernas do século passado, dá ao texto um ritmo de manuscrito em ponta fina.

O livro foi impresso em papel Munken Print Cream 80 g/m<sup>2</sup>, na gráfica Ipsis, em julho de 2019.



este exemplar é o de número

de uma tiragem de 1.000 cópias